

Vol 5

REVISTA ESCOLAR

ORGAN DA DIRECTORIA GERAL DA INSTRUÇÃO PUBLICA

ANNO I

S. PAULO - 1.º de Setembro de 1925

N.º 9

PUBLICAÇÃO MENSAL

Redacção e Direcção:

Largo do Arouche, 62

Redactor-director:

Prof. J. Pinto e Silva

Redactor-auxiliar:

Prof. Dr. José Veiga

SUMMARIO:

Revista Escolar.

LICÇÕES PRÁTICAS: 1 — Lincagem. 2 — Arithmetica. 3 — Geographia. 4 — Hygiene. 5 — Systema metrico. 7 — Zoologia. 8 — Epica. 9 — Botanica. 10 — Cosmographia.

PEDOLOGIA: 1 — A psicología e as variedades na criança. 2 — Escala metrica do psychologicista.

LICÇÕES DE COZINHA: 1 — O tomate. 2 — O tomate. 3 — O espelho. 4 — A louca. 5 — Meios de communicação por terra, por mar, pe'os rios e pe'os ar. 6 — Alfinetes. 7 — Pedra-pomes. 8 — A penna. 9 — Ninhos. 10 — O tio de primo.

QUESTÕES GERAES: 1 — Assistencia á infancia. 2 — Preparação da classe.

LITTERATURA INFANTIL: 1 — Felicidade. 2 — Um conselho. 3 — O jardim da vovô. 4 — Pa... 5 — O miho roubado. 6 — O ganso ambicioso. 7 — O que me disse um passarinho. 8 — A casa que elles fizeram. 9 — O que me contou um rio. 10 — Minha terra.

METHODOLOGIA: 1 — Processo educativo.

VELTOS E FACTOS: 1 — Dr. Vital Brasil.

MUSICAS E CANTOS ESCOLARES: 1 — As estações da vida.

PAGINA DA CRIANÇA: 1 — Exercício de raciocínio.

EDUCAÇÃO PHYSICA: 1 — Jogos escolares.

NOTICIAS: 1 — Arnaldo Barreto.

SECRETARIA DO INTERIOR: 1 — Actos diversos.

S. PAULO - Brasil

1925

E b

ARITHMETICA

Um dos obstaculos a vencer no ensino da Arithmetica, é conseguir que as crianças não usem os dedos para fazer os calculos, especialmente as sommas.

A seguinte especie de jogo fará esquecer os dedos.

Um quadro com 5 estacas será collocado em frente á classe. Esse quadro terá mais ou menos 0,30 em cada lado, e as estacas serão uma em cada canto e outra no centro. Tambem será preciso uma argóla de 0,10 de diametro, mais ou menos. Os alumnos jogarão á distancia duns dois metros.

Supponhamos que a classe esteja aprendendo a contar de 3 em 3. Quando o alumno acertar a argóla numa estaca, marcará um 3; quando acertar em duas estacas lateraes, marcará dois 3; quando acertar na estaca central e numa lateral, marcará tres 3; quando acertar na central e em duas lateraes marcará quatro 3. O jogo poderá finalizar quando todos os alumnos tiverem jogado; quando um partido tiver alcançado dez 3 etc.

Divida-se a classe em dois partidos: verde e amarello, por exemplo. No quadro negro far-se-ão dois quadros: um verde, dentro do qual serão marcados os pontos do partido verde, fazendo-se a mesma coisa com o amarello.

Professora. — (Tirando a sorte ou escolhendo.) Victor, Vicente, Valerio, Vasco e Valentim são do partido verde; Antonio, Alvaro, Augusto Armando e Arthur são do partido amarello.

Vamos começar com você, Victor. Jogue.

A. — (Jóga errando.)

P. — Marque o seu zero, Victor. Agora, um do partido amarello. Venha, Antonio.

A. — (Jóga.) Acertei um 3.

P. — Marque no seu quadrado. Venha depressa, Vicente.

A. — (Jóga.) Acertei dois 3; são 6.

P. — Marque no seu lado. Venha outro amarello. Você, Alvaro.

A. — (Jóga.) Acertei outro 3. Vou marcar. Agora estamos eguaes.

A. — Por enquanto estamos empatando.

P. — Venha, Valerio.

A. — (Jóga.) Acertei tres 3 duma vez; são 9. (Marca.)

P. — Agora é a vez do Augusto.

A. — (Jóga.) Consegui dois 3. São 6. (Marca.)

P. — Venha, Vasco. Vamos vêr quanto você faz.

A. — (Jóga e não acerta.) Que pena! Quasi fiz 12.

A. — Mas não fez. Marque o seu zero.

P. — Venha, Armando.

A. — O nosso lado ainda não tem zero. (Jóga.) Fiz um 3. (Marca.)

A. — Estamos eguaes outra vez!

P. — Venha, Valentim, desempatar.

A. — (Jóga.) Ah! Quasi que foi fóra, mas fiz um 3.

(Marca.)

P. — Venha, Arthur.

A. — (Jóga.) Quatro 3! São 12. Que bom! (Marca.)

O resultado obtido poderá sêr marcado:

V.	A.	ou	V.	A.
0	3		0	3
3	3			
3			6	3
3	3			
3	3			
3			9	6
0	3		0	3
3	3			
	3			
	3			
	3		3	12
18	27		18	27

A. — Victor está dizendo que o partido verde venceu.

P. — Venha, Victor, fazer as contas do partido verde.

A. — (Apontando.) Zero mais 6 são 6, e mais 9 são 15, e mais 0 são, 15, e mais 3 são 18.

P. — Escreva 18 embaixo. Venha, Alvaro, verificar, mas experimente fazer a somma mais depressa.

A. — (Apontando.) Zero, 6, 15, 15, 18.

P. — Muito bem! Venha, Arthur, vêr as contas do seu partido.

A. — Contando depressa?

P. — Sim, senhor.

A. — Tres, 6, 12, 15, 27.

P. — Muito bem, Arthur! Venha, Antonio, fazer os calculos do seu partido, mas contando de 3 em 3.

A. — 3, 6, 9, 12, 15, 18, 21, 24 e 27.

P. — Bravo! Vejamos, Armando, quantos pontos vocês ganharam a mais.

A. — Ganhámos 9.

P. — Quantos 3 a mais fizeram vocês? Diga, Augusto.

A. — Fizemos tres 3 a mais.

P. — O partido amarello foi o vencedor hoje. Vejamos amanhã.

GEOGRAPHIA

ESTRADAS DE FERRO

III

ESTRADA DE FERRO "SOUTHERN SÃO PAULO RAILWAY"

O meio mais facil para aprender Geographia é viajar, pois ninguem que seja observador e intelligente, poderá esquecer os nomes das estradas de ferro percorridas, das cidades por onde passou etc. Na impossibilidade, porém, de effectuarmos com os

SYSTEMA—METRICO

O METRO

O ensino das medidas metricas não mais deve sêr um enfileirado de tabellas abstractas. Póde-se e deve-se apresental-o de modo a interessar a classe.

Qual é a criança que não gosta de *brincar de loja*? A sua natural actividade tem occasião de manifestar-se. Medindo e pesando, os alumnos aprenderão com facilidade e efficiencia.

(*Sobre a mesa fitas, barbantes, cadarços, rendas, alguns metros de fazenda barata etc., etc; um metro de madeira e tantos cadarços cortados do comprimento dum metro, quantos forem os alumnos.*)

Professora. — Vou abrir uma loja, uma loja bem sortida. Vejam: tenho rendas e fitas bonitas. Vendo barato e meço bem. Quem quer comprar?

A. — Eu quero 2 metros dessa fita.

P. — (Mede e dá.) Aqui está.

A. — E eu, 3 metros de cadarço.

P. — (Mede e dá, continuando até que todos tenham comprado.) Eis o cadarço.

Quero vender a minha loja. Quem quer agora, sêr o dono da loja?

A. — Eu quero.

A. — Ah! Eu queria!

P. — Todos, não póde sêr. Venha você, Arnaldo. Eu quero comprar desta fazenda.

A. — Quanto?

P. —

A. — A senhora precisa dizer quanto quer.

P. — Não sei quanto. Quero tambem daquella renda.

A. — Quanto? . . . Porque a senhora não diz quanto quer? Sem saber quantos metros quer, eu não posso lhe vender.

P. — Arnaldo tem razão. Vêem vocês, então, porque é que temos esta medida.

A. — Esse metro, não é?

P. — Justamente.

A. — Para que os homens da loja saibam quanto precisamos.

P. — Quando a mamãe quer fazer um vestido para sua irmãzinha, um terno para um de vocês; lençóis, fronhas etc., antes de ir à loja, o que faz ella?

A. — Mede para vêr quanta fazenda precisa.

A. — A's vezes compra um pouquinho mais, para ter certeza que chegue.

P. — Queremos uma fazenda para fazer uma cortina para aquella janella. Vá Arthur à loja, comprar.

A. — Não posso.

P. — Porque?

A. — Primeiro preciso saber de quanta fazenda preciso, quanta fazenda vou comprar.

P. — E como é que você pôde saber quanto precisa?

A. — Medindo.

P. — Com o que vai medir?

A. — Com esse metro.

P. — Com esse ou com qualquer outro. Uma vez que sejam metros têm a mesmissima medida; são bem eguaes.

Meça então quanto precisamos para a cortina.

A. — (Mede.) Quasi 2 metros.

A. — E' bom comprar 2 metros por causa das bainhas.

P. — Bem pensado!... Si a fazenda tiver bastante largura, bastam dois metros.

A. — E si fôr estreita serão precisos quatro metros.

P. — Quero mandar pregar uma moldura para pendurar quadros, ao redôr de toda a nossa sala. Augusto, você conhece um marceneiro que nos faça esse serviço?

A. — Conheço, sim, senhora.

P. — Então, faça o favor de encarregar-o disso.

A. — Preciso medir para saber quanta moldura devo encaminhar.

P. — Então, meça.

A. — (Medindo.) Para a sala toda serão precisos 60 metros.

P. — Como soube?

A. — Medindo.

P. — Então é o metro quem nos diz o quanto.

(Outras muitas medições poderão sêr feitas, as primeiras para frizar a necessidade da medida, depois outras para avaliar os comprimentos.)

ZOOLOGIA

RAÇAS HUMANAS

(RECORDAÇÃO)

Devendo sêr o ensino muito pratico, para recordar a aula em questão, o professor usará de gravuras.

Professor. — Direitinhos e attentos! Todos já sabem que o homem é um animal... Que especie de animal é o homem?

Alumnos. — Mammifero.

P. — Sabem tambem a que ordem pertence o homem?

A. — A' dos bimanos.

P. — Que é um animal bimano, Nôe?

A. — E' o animal que tem duas mãos.

P. — Todos os homens têm a mesma côr, Jayr?

A. — Não, senhor. Ha homens brancos; ha pretos, mulatos, amarellos, vermelhos, morenos...

P. — Muito bem. Mas os homens só differem uns dos outros, na côr, Vinicius?

A. — Não, senhor. O rosto, os cabellos, a barba, os olhos, o nariz, a boca etc., não são eguaes em todos os homens.

P. — Perfeitamente. Os homens, por não serem parecidos uns com os outros, conforme vocês já notaram, estão divididos